



# FRATERNITÀ DI COMUNIONE E LIBERAZIONE

associazione di diritto pontificio civilmente riconosciuta

Uffici: Via De Notaris, 50 - 20128 Milano - e-mail: clfrat@comunioneliberazione.org

Milão, 12 de março de 2020

Caríssimos amigos,

Embora não haja ainda indicações das autoridades quanto ao próximo mês de abril, a atual situação de emergência de saúde pública e as questões ligadas à organização dos nossos gestos obrigam-nos a cancelar todos os compromissos habituais deste momento do ano: os Exercícios da Fraternidade, os Exercícios dos Jovens Trabalhadores, o Tríduo Pascal da GS (Liceus), os momentos da Semana Santa do CLU, as Vias Sacras, a Escola de Comunidade via *streaming* de dia 1 de abril.

Esta decisão, imposta pela situação de emergência, não faz desaparecer a presença insidiosa do coronavírus no meio de nós nem atenua a provocação que ela representa, não nos permite virar-nos para o outro lado, como se não nos dissesse respeito. Querendo ou não, tem a ver com todos nós. E, com todos, partilhamos a mesma pergunta: como agir como homens perante esta circunstância?

Nestas ocasiões – a que o Mistério não nos poupa –, podemos perceber com ainda maior clareza a graça do carisma que nos investi, ao verificar a sua capacidade de nos pôr diante do que acontece. «A condição única para ser sempre e verdadeiramente religioso é viver sempre intensamente o real» (*O sentido religioso*, Editorial Verbo: Lisboa, 2000, p. 151), disse-nos don Giussani. É esta conceção da religiosidade que nos faz reconhecer qualquer circunstância como vocação. «Viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das circunstâncias por que o Senhor nos faz passar, respondendo a elas. [...] A vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino te faz passar» (*Realidade e juventude. O desafio*, Diel: Lisboa, 1995, p. 67). Don Giussani estava bem consciente da vertigem que isto introduz na vida: «O homem, a vida racional do homem devia estar suspensa do instante, suspensa em cada instante deste sinal aparentemente quase volúvel, quase casual, que são as circunstâncias através das quais o desconhecido “senhor” me arranca, me chama ao seu desígnio. É dizer “sim” a cada instante sem ver nada, sem ver ninguém, simplesmente aderindo à pressão das ocasiões. É uma posição vertiginosa» (*O sentido religioso*, op. cit., pp. 186-187).

É difícil encontrar uma expressão mais adequada do que esta para descrever a situação em que nos encontramos quando estamos realmente diante do que acontece: um vertiginoso “estarmos suspensos” «em cada instante deste sinal aparentemente quase volúvel, quase casual, que são as circunstâncias». E, no entanto, esta é a única atitude racional, pois é por meio destas circunstâncias que a presença do Mistério, desse «desconhecido “senhor”», nos interpela, nos provoca ao Seu desígnio, à realização da vida.



Mas «a razão não tolera, impaciente, aderir ao único sinal através do qual pode ir ter com o Ignoto, sinal tão obscuro, tão profundo, tão opaco, tão aparentemente casual, como é a sequência das circunstâncias: é como se nos sentíssemos à mercê de um rio que nos arrastasse para cá e para lá» (*O sentido religioso*, op. cit., p. 187). Nestas semanas cada um de nós poderá ver que posição prevalece: a disponibilidade para aderir ao sinal do Mistério, para seguir a provocação da realidade, ou deixarmos-nos levar por qualquer “solução”, proposta, explicação, a fim de nos distrairmos desta provocação, de evitar esta vertigem. Cada um de nós poderá, depois, verificar a consistência real das “soluções” em que foi procurar refúgio.

Como podemos fazer-nos companhia nesta situação? De que companhia precisamos realmente? Quantas vezes não procuramos uma resposta esvaziando o acontecimento que nos alcançou, reduzindo-o a um âmbito de relações que nos proteja do impacto das coisas, que nos poupe ao desafio das circunstâncias, em vez de nos impelir a vivê-lo! Mas uma companhia assim não pode responder: em momentos como o que estamos a atravessar, em que a urgência da vida se faz inevitável e poderosa, isso é mais evidente do que nunca.

Um jovem amigo meu formou-se e começou uma vida nova. Em consequência, já não conseguimos ver-nos com a mesma frequência de quando ele ia à faculdade. Há uns dias queixava-se disso. Lembrei-lhe um trecho do Evangelho. Certo dia, os discípulos estavam no barco com Jesus e perceberam que se tinham esquecido de trazer pão. Apesar de terem testemunhado dois enormes milagres – duas multiplicações de pães como nunca tinham acontecido na história –, começaram a brigar entre si por se terem esquecido dos pães. Fiz notar ao meu amigo que Jesus estava lá, ao lado deles, no barco! E eles continuavam a queixar-se! O problema não era que estivessem sozinhos, já que Jesus estava com eles, mas para eles *era como se não estivesse*. E, de facto, discutiam entre si porque não tinham pão! Para mostrar onde estava o problema, Jesus não fez mais um milagre. O que é que adiantaria fazer mais um, depois de todos os que eles já tinham visto? Que contributo dá Jesus, então? Faz-lhes três perguntas. A primeira: «Quantos pães sobraram depois da primeira multiplicação?» E depois: «Quantos sobraram depois da segunda?» E por fim: «E ainda não compreendem?» (cf. Mc 8,19-21). Como é precioso o contributo que Jesus dá aos seus amigos, ao não lhes poupar as perguntas! Não acrescenta explicações, não realiza outros milagres, mas solicita-os, a partir da experiência deles, a usar a razão até o fundo, de modo a que possam dar-se conta de *quem* tinham encontrado (tinham com eles o dono da “padaria”!). Atenção: se não tinham compreendido, não era porque estivessem sozinhos ou não dispusessem de elementos suficientes, mas porque ainda não tinham usado bem a razão. Com efeito, Jesus tinha-se-lhes revelado através dos muitos sinais que tinham visto, de uma resposta excepcional, finalmente correspondente ao coração e à sua necessidade de homens, deles e dos outros, em tantas ocasiões, mesmo dramáticas, mas ainda não tinham reconhecido quem Ele era, com aquele reconhecimento que se chama fé e que «floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça, à qual o homem adere com a sua liberdade» (*Gerar rasto na história do mundo*, Paulus Editora, Lisboa: 2019, p. 41).

Jesus aproveita toda e qualquer circunstância para mostrar aos seus discípulos a Sua posição diante de tudo o que acontece, de qualquer imprevisto, mesmo doloroso, para que experimentem a pertinência da Sua presença, da relação com Ele – da fé –, às exigências da vida. «O conteúdo da fé – Deus feito homem, Jesus Cristo morto e ressuscitado – que surge num encontro, por isso num ponto da história, abraça todos os seus momentos e aspetos, que como de um vórtice são levados para dentro daquele encontro e devem ser enfrentados do seu ponto de vista, segundo o amor que daí jorra, segundo a possibilidade de utilidade ao próprio destino e ao destino do homem



que este sugere» (*Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 36). Se o encontro feito não se tornar para nós como um vórtice para dentro do qual são levados todos os momentos e aspetos da vida, ficaremos perdidos e desorientados diante de qualquer novo imprevisto, perante qualquer novo aperto.

É assim, circunstância após circunstância, na experiência contínua de uma “conveniência” inesperada, que «o encontro feito, pela sua natureza totalizante, torna-se com o tempo [sublinhando: com o tempo] na forma verdadeira de cada relação, na forma verdadeira com que olho para a natureza, para mim mesmo, para os outros, para as coisas. Um encontro, se for totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações: ele não estabelece apenas uma companhia como lugar de relações, mas é a forma com que estas são concebidas e vividas» (*Gerar rasto na história do mundo*, op. cit., p. 36).

É a este nível da questão – o reconhecimento da natureza totalizante do encontro, que se torna forma verdadeira de qualquer relação – que vêm em nosso auxílio presenças realmente «amigas», que nos testemunham o caminho que nos permite viver uma situação como a atual. Presenças que não programamos nós, tão excepcionais – ainda que dentro das circunstâncias comuns a todos – que nos deixam sem palavras, em silêncio. «De repente fui catapultada nas trincheiras. Parece que estamos em guerra. O meu quotidiano, no trabalho e na família, mudou de um dia para o outro. Como médica, como mãe, como mulher, passei a dormir em isolamento do meu marido, sem ver os meus filhos há duas semanas, sem poder ter um contacto direto com os doentes. Entre mim e os meus doentes há uma máscara, uma viseira e o escafandro deles. Em geral são idosos que vivem este momento sozinhos. Têm medo. Morrem sozinhos. E os parentes, isolados em casa, não podem assistir os seus entes queridos, e recebem telefonemas a meio da noite em que lhes comunico a morte do seu familiar: entre mim e eles há o telefone. Que posso fazer eu humanamente por eles, enquanto cristã? Entro na enfermaria, procuro o sorriso e o abraço de uma enfermeira amiga: neste momento de isolamento também preciso de me sentir fisicamente junto de alguém. E só posso abraçá-los a eles. Perante tudo isto, sustenta-me ler todos os dias a carta do Carrón ao *Corriere della Sera* (“Eis como nas dificuldades aprendemos a combater o medo”, 1 de março de 2020), que me ajuda a voltar a uma posição de abertura, a perguntar-me o que é que no fundo, resiste. Sou chamada a reconhecer o essencial, o verdadeiro. Além disso há todo o percurso feito sobre o texto da Escola de Comunidade: a provação é a maneira com que a fé pode crescer, se a liberdade se jogar diante da Preferência que nos pede tudo. E isso é vertiginoso. Nós temos de confiar e assumir esse risco. A certeza que sustenta a nossa vida é um vínculo, uma ligação, e há um caminho a fazer para chegarmos a esta certeza afetiva. As circunstâncias são-nos dadas para nos ligarmos mais a Ele, que está a chamar-nos de um modo misterioso. A fé é confiar que Ele nos está a chamar. “Só quando domina uma esperança fundamentada é que ficamos em condições de encarar as circunstâncias sem fugir.” Somos chamados mais do que nunca a responder-Lhe, que nos chama misteriosamente. É esta a certeza que posso dar aos meus doentes, aos seus parentes, para além de prestar os cuidados médicos.»

Este é o desafio diante do qual está cada um de nós. Neste momento, em que o nada se espalha, o reconhecimento de Cristo e o nosso “sim” a Ele, até no isolamento em que cada um de nós pode ser obrigado a estar, é já o contributo para a salvação de todos os homens hoje, antes de qualquer tentativa legítima de nos fazermos companhia, que de todo o modo deve ser procurada nos limites do permitido. Nada é mais urgente do que esta autoconsciência.



Mesmo não sendo possível fazer os Exercícios da Fraternidade, nada nos impede de prosseguir o nosso caminho para continuarmos a aumentar a certeza, a «esperança fundamentada» de que precisamos absolutamente para viver estas circunstâncias. Envio-vos por isso a pergunta que tinha pensado para a preparação dos Exercícios, nunca tão pertinente à situação como agora: **«O que é que nos arranca do nada?»**.

Todos vimos como foi útil a pergunta enviada no ano passado para estarmos atentos à experiência que estávamos a fazer. Este ano pode ser ainda mais decisivo. Convido, portanto, a quem o desejar, a mandar o seu contributo para [comunicazionifrat@comunioneliberazione.org](mailto:comunicazionifrat@comunioneliberazione.org)

Veremos depois como valorizar, juntos, o percurso das semanas que nos aguardam e como responder da maneira mais adequada às perguntas que surgirem. Abertos ao imprevisto.

É um tempo inédito e dramático. Que alcance podem adquirir os gestos que nos são tão caros, como o *Angelus* de manhã, ao meio dia e à noite; o *Memorare* antes de nos deitarmos; o trabalho quotidiano, pessoal e em família, sobre a Escola de Comunidade; e a jaculatória *Veni Sancte Spiritus* logo ao acordar e em qualquer instante em que a circunstância se torna tão desafiante que precisamos de gritar para podermos enfrentá-la!

Lembro-vos a caridade fraterna, com uma atenção às necessidades que surgirem entre nós, permanecendo em contacto como for possível, aproveitando ao máximo todos os instrumentos que a tecnologia hoje nos oferece.

Por fim, segundo o convite do Papa Francisco, «continuamos a rezar pelos doentes, pelos profissionais de saúde, tantas pessoas que sofrem com esta epidemia».

Abraço cada um de vocês nesta Quaresma tão decisiva para a nossa conversão a Cristo, vitorioso sobre a morte.

Acompanhemo-nos, deixando-nos desafiar pelos tempos que vivemos, para não perdermos a ocasião que o Mistério preparou para nós!

Vosso,

padre Julián Carrón